



ALERTA Apesar da abertura de novos leitos, gestores apelam para o cumprimento de ações de isolamento e uso de máscara

Situação na rede de saúde é de pré-colapso

RODRIGO AGUIAR

Com a alta de casos da Covid-19, o governador Rui Costa e o prefeito de Salvador, Bruno Reis, voltaram a apontar a sobrecarga do sistema de saúde, em estado de “pré-colapso” na capital, segundo o chefe do Palácio Thomé de Souza. O governador, por sua vez, alertou para o limite da abertura de novos leitos na Bahia.

“Na prática, já é um colapso. Quando a gente transfere esses pacientes, normalmente temos margem de manobra. Hoje, a prefeitura tem quatro hospitais de campanha, estamos montando o quinto para Covid. Tem pacientes no leito de enfermagem aguardando para ir para a UTI, estamos em um pré-colapso”, afirmou o prefeito, em entrevista à TV Itapoan.

Ainda ao comentar a situação do sistema de saúde, o gestor municipal disse, em entrevista à TV Bahia, que pessoas podem morrer na fila de regulação do Estado enquanto aguardam atendimento. Atualmente, pacientes com Covid-19 têm esperado, em média, três dias para encontrar uma vaga em algum dos hospitais, de acordo com o prefeito.

Bruno reiterou que novas medidas serão adotadas nos próximos dias para tentar evitar o caos. “Vamos abrir mais uma tenda nos Barris. Conseguimos comprar oito



Raphaël Müller / Ag. A TARDE / 21.5.2020

Hospital Geral Ernesto Simões Filho foi reestruturado para atender somente casos de infecção pelo coronavírus

Governador alertou para o limite da abertura de novos leitos na Bahia

respiradores, fizemos a aquisição para mais seis e recebemos outros 15 do governo federal. Ao todo, são 29 [respiradores], mas tudo isso tem um limite. Vamos ter limite de respiradores, de equipe, não é só abrir leito que resolve. O que resolve é o isolamento social, deixar de conviver, só sair de casa

quem precisar, deixar de conviver com amigo nesse momento, com familiares. É isso que vai resolver”.

Já o governador afirmou que a Bahia não terá condições de abrir mais leitos depois de reativar o hospital de campanha da Arena Fonte Nova e abrir o Hospital Metropolitano, em Lauro de

Freitas. “Acabou. Depois da Fonte Nova e do Metropolitano, não há mais o que abrir na Bahia”, declarou. Segundo o governo, as duas unidades comportarão, no máximo 300 leitos de UTI-100 na Fonte Nova e 200 no Metropolitano.

A administração estadual informou que o hospital da

Fonte Nova será reaberto hoje, enquanto a expectativa é de que o Hospital Metropolitano comece a funcionar em três semanas, depois de lançada a licitação emergencial para administração da unidade.

O governador voltou a cobrar o cumprimento das medidas de isolamento. “São 400 mortos em quatro dias”, comparou. Ao comentar as manifestações pela reabertura do comércio, Rui disse que parte dos atos é “legítima”, mas apontou outros manifestantes como pessoas “alinhadas” ideologicamente com o presidente Jair Bolsonaro. “Eu já passei na fome na infância. Sei o que é isso. Mas eu preciso tomar uma decisão: ou eu assisto pessoas morrerem por falta de ar ou tento mediar”, afirmou.

O hospital da Fonte Nova reabrirá inicialmente com 80 leitos, dos quais 50 de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e 30 leitos clínicos. A subsecretária de Saúde do Estado, Tereza Paim, explicou que “haverá um aumento progressivo na abertura de leitos na Arena Fonte Nova, porque precisamos captar profissionais especializados e que, neste momento, estão divididos entre UTI Covid e UTI não Covid”.

O Hospital Metropolitano tem capacidade para 200 leitos (100 de UTI e 100 clínicos), mas funcionará com 40 de UTI e 30 clínicos na abertura.

CASOS GRAVES

Internação por Covid-19 tem afetado público mais jovem

TÁCIO CALDAS*

Com os hospitais apresentando altos índices de ocupação das suas Unidades de Terapia Intensiva (UTI), uma mudança de perfil vem sendo observada pelos profissionais de saúde. Anteriormente, os números mostravam a população idosa mais vulnerável. Contudo, a incidência aumentou na população entre 30 e 50 anos.

De acordo com Shirley Cruz, sanitária do núcleo hospitalar de epidemiologia do Instituto Couto Maia (Icom), só ano passado houve um aumento dos dados na instituição.

“No primeiro semestre de 2020, internamos 125 usuários nessa faixa etária. Já no segundo semestre, esse número subiu para 156 pacientes. Foram pelo menos 25% de aumento nessa faixa etária”, disse a especialista. Segundo ela, analisando

os dois primeiros meses de 2021 dentro, a indicação é de aumento nos números. “Em janeiro, tivemos 11 casos e, em fevereiro, 26, tudo dentro dessa faixa etária”.

Balanco

Para Izabel Marcílio, coordenadora do Centro de Operações de Emergência em Saúde da Secretaria da Saúde (Sesab), os números disponibilizados englobam todo o período da pandemia de Covid-19.

Contudo, a incidência aumentou na população entre 30 e 50 anos

“A proporção de pessoas mais acometidas, que a gente tem resultado, que ficaram doentes, procuraram ajuda e tiveram diagnóstico, foi a população de 30 a 39 anos de idade”.

A profissional ainda alertou para o coeficiente de incidência em cada cem mil habitantes. “É maior entre 40 e 49 anos, seguido dos de 30 a 39 anos. Ela é mais incidente nessa parcela da população, porque são pessoas que estão ativas, que não se resguardam tanto quanto os idosos”, indicou Izabel Marcílio. Ainda segundo ela, em relação à hospitalização, não há novos dados. “Continua na faixa de 20%”, afirmou Izabel.

Consequência

De acordo com a infectologista Giovanna Orrico, do Hospital Espanhol, esse aumento de casos na população mais jovem se dá por



Felipe Iruatã / Ag. A TARDE / 27.4.2020

cresce a incidência em população jovem

conta da exposição.

“Com o passar do tempo, a gente viu uma exposição maior deles, porque são eles que já estão na ativa ou aglomerando. É o reflexo dessa maior exposição, ou talvez uma maior transmissão por causa das variantes”, alertou Orrico.

Reflexo

Apesar de não haver uma confirmação nos dados da Sesab, Giovanna acredita que esse aumento nas ocupações acontece em todo o país.

“É um reflexo em vários estados do Brasil. A gente está com ocupação bem alta no Espanhol e temos que fazer um alerta para a população. Se a gente não conseguir controlar, isso tende a se estender”, pontuou a médica Giovanna Orrico.

*SOB A SUPERVISÃO DA EDITORA MEIRE OLIVEIRA

LIMPURB

Massaranduba e Uruguai são alvos de mutirão de limpeza

TÁCIO CALDAS*

O mutirão de limpeza Tá no Grau, promovido pela Empresa de Limpeza Urbana de Salvador (Limpurb), integra o conjunto de ações das medidas de proteção à vida e serviços nos bairros da capital. Lavagem, higienização e desinfecção e remoção de resíduos foram ações realizadas, desta vez, em Massaranduba e no Uruguai.

No total, foram 124 agentes da Limpurb que estive-

ram ativos durante o mutirão. “Antes de realizar esse mutirão, fizemos um visita técnica na comunidade de Massaranduba para identificar quais serviços eram necessários no local”, comentou o presidente da Limpurb, Omar Gordilho.

Programação

A iniciativa começou no mês passado e já passou por 16 bairros, acumulando mais de 600 toneladas de resíduos. Uma moradora que

preferiu não se identificar achou que ação foi importante. “Foi ótimo, foi muito bom. Eu espero que voltem mais vezes e acho que isso vai ajudar no combate das doenças”, relatou.

De acordo com o presidente da Limpurb, Omar Gordilho, “essa ação vai durar por mais quatro dias, podendo se estender até a próxima terça-feira”.

*SOB A SUPERVISÃO DA EDITORA MEIRE OLIVEIRA

INSUFICIÊNCIA

Demanda de ações da Semop é maior do que o número de fiscais

**DA REDAÇÃO**

Com o agravamento da pandemia, coibir ações da população para que o vírus não se dissemine é um desafio para as pastas da Prefeitura de Salvador, entre elas a Secretaria Municipal de Ordem Pública (Semop). Segundo a titular Marise Chas-

tinnet, uma das maiores dificuldades é a falta de fiscais para atender as demandas, principalmente em relação aos comércio informal que continua funcionando mesmo com as restrições.

“A demanda na cidade é muito maior do que o número de fiscais disponíveis. Nós temos bastantes fiscais, eles atuam em vários pontos da cidade, mas nós não podemos deixar os fiscais fixos. Aqueles locais mais concentrados a gente deixa uma

equipe fixa, mas é humanamente impossível deixar em todos os bairros”, explicou Marise durante entrevista para o ‘Isso é Bahia’, na rádio A TARDE FM ontem.

“Está sendo muito difícil, porque o comércio informal nas ruas está proibido e as pessoas não querem atender. Nós vamos conversando, solicitando que retornem para casa. Eles precisam ganhar dinheiro e não podem porque estamos em uma fase muito difícil”, pontuou.